

Vivenciar, sonhar e pensar experiências emocionais: o processo de elaboração psíquica

Raul Hartke¹, Porto Alegre

O trabalho de elaboração psíquica propiciador do desenvolvimento mental implica o contato com experiências emocionais, assim como a capacidade de sonhá-las no sentido que Bion dá a esse termo, de pensá-las e, além disso, de poder vivenciá-las ao invés de apenas conhecê-las. A maturação psíquica resultante ocorre em saltos descontínuos através de mudanças na forma do indivíduo sentir e conceber a si mesmo e aos outros. Na relação analítica, todo esse processo é vivenciado e trabalhado pelo par, de forma assimétrica. São relatadas duas situações clínicas e as transformações terapêuticas ocorridas, uma delas com atendimento on-line durante a pandemia da Covid-19.

Palavras-chaves: Bion; Experiência emocional; Função alfa; Pensar; Elaboração psíquica; Análise on-line

¹ Psicanalista. Membro efetivo e analista didata na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Uma proposição central na obra de Bion (1962/1977, 1965/2004) é que o desenvolvimento psíquico ocorre quando experiências emocionais podem ser vivenciadas, sonhadas (no sentido ampliado descrito por ele) e pensadas.

Este processo constitui, a meu juízo, a forma como Bion concebe o trabalho de elaboração mental descrito por Freud (1895/1985, 1905/1978, 1914/1984) a partir de outros pressupostos teóricos.

As experiências emocionais – ponto de partida dessa teorização – têm como protótipo a relação inicial do bebê com o seio materno, e a seguinte formulação contém, para mim, os seus elementos essenciais: “Vou supor que um bebê tem uma pré-concepção inata da existência de um seio que satisfaz sua própria natureza incompleta. A realização (realization) do seio proporciona (provides) uma experiência emocional” (Bion, 1962/1977, p. 69).

Ou seja, conforme detalha Sandler (2005), pelo menos nesta situação inaugural, a emergência de uma experiência emocional necessita que algo interno (no caso, uma pré-concepção inata) seja conjugado com uma realidade externa (o seio materno). Depende, assim, de uma relação. “Uma experiência emocional – afirma Bion (1962/1977) – *não pode ser concebida isolada de um relacionamento*” (p. 42). No entanto, considero que, em um momento posterior, essa relação poderá também ocorrer com objetos internos e inclusive com objetos inanimados investidos de importância emocional.

Infundáveis situações durante a vida poderão (ou não) despertar tais experiências, como, por exemplo, o reconhecimento da existência em separado do outro, a situação edípica, o apaixonar-se, a perda de uma pessoa amada, a maternidade, o envelhecimento, a natureza, a arte, etc. Quando alguém consegue vivenciá-las, sonhá-las e pensar sobre elas graças ao processo que descreverei a seguir, constatará que não envolvem apenas instintos, mas também impressões sensoriais, desejos, memórias, reações corporais e emoções tão diversas quanto infinitos são os desencadeantes. Além disso, em qualquer caso, sempre persistirá algo inefável, algo que poderá ser apenas palidamente traduzido em palavras ou por outra forma de comunicação. Afinal, como diz Ferreira Gullar (2010),

(...) a fala
é só rumor
e ideia
não exala
odor
(como a pera)

Pela casa inteira
a fala, meu amor,
não fede
nem cheira. (p. 30)

Na vida cotidiana, estamos permanentemente recebendo estímulos de toda ordem e, na maior parte das vezes, reagimos com respostas adaptativas, instintivas ou socialmente aprendidas, o que também é imprescindível à sobrevivência (Meltzer, Albergamo, Cohen, Greco, Harris, Maiello, Milana, Petrelli, Rodhe, Scolmati, & Scotti, 1986).

Para Meltzer e Williams (1988), a experiência emocional é desencadeada pelo impacto gerado por um *objeto estético*, ou seja, algo com um exterior apaixonante, passível de ser *percebido* pelos órgãos dos sentidos, mas com um interior essencialmente misterioso, que pode apenas ser *concebido* através da imaginação.

O primeiro passo necessário para que uma experiência emocional possa promover o desenvolvimento psíquico consiste, segundo Bion (1962/1977), em transformá-la em apresentações sensoriais apreensíveis ao “*órgão* sensorial para a percepção das qualidades psíquicas”, isto é, apreensíveis à consciência segundo a definição de Freud (1900-01/1984, p. 603). Para tanto, são utilizados restos perceptivos do mundo externo em um processo que eu chamaria de “alucinação primária”, na medida em que transforma algo sem forma, cor, cheiro, etc. (Bion, 1965/2004), em imagens, sons e palavras, como acontece com os sonhos. O pensamento onírico, diz Meltzer (1983) a esse respeito, “toma formas e funções do mundo externo e as utiliza para representar o significado das experiências emocionais” (p. 48). Isto é possibilitado pela função alfa (Bion, 1962/1977), ou trabalho de sonho alfa, como inicialmente Bion (1959/1992) a denominou. Trata-se de uma função mental constituída por muitos fatores ainda desconhecidos. No entanto, a observação do que acontece no trabalho analítico permite conjecturar ser tal função inicialmente exercida pela mãe que, com sua capacidade de *reverie* (Bion, 1962/1977), “*sonha*” para seu bebê as experiências emocionais que ele ainda não consegue sonhar. Gradativamente, graças à introjeção dessa relação, o bebê conseguirá realizá-la por si mesmo. Assim, a *reverie* é um dos fatores da função alfa, sendo, porém, importante sublinhar que Bion (1962/1977) considera como tal apenas os conteúdos investidos com amor ou ódio. “*Reverie* – diz ele – é *aquele* estado mental que está aberto para a recepção de quaisquer ‘objetos’ do objeto amado e é, assim, capaz de receber as identificações projetivas do bebê, sejam elas sentidas por ele boas ou más” (p. 36).

Após esse passo inicial, será necessário pensar os produtos da função alfa, os quais são equiparáveis aos pensamentos oníricos descritos por Freud (1900-01/1984, 1900/1979). Isso é o que fazemos, por exemplo, com os nossos sonhos quando, acordados, tentamos compreendê-los. Trata-se, em última instância, de traduzi-los em palavras e considerá-los sob diferentes vértices (Bion, 1965/2004, Meltzer *et al.*, 1986), como relacioná-los com a vida presente, passada e futura, com aspectos conscientes e inconscientes, com a transferência, etc.

Cumpra salientar que, para Bion, como enfatiza Meltzer (1983), sonhar também já constitui uma forma de pensar, um trabalho mental capaz de gerar conhecimento, diversamente do que pensava Freud. É, no dizer de Ogden (2019), “um trabalho psicológico inconsciente”. (p. 30).

Para mim, a maneira como ocorre essa etapa do processo de elaboração psíquica está adequadamente sintetizada por Bion (1965/2004) na seguinte passagem, relativa ao que chama de *trabalhar mental do analista* na sessão:

O material deve aparecer ao observador analítico como um número de partículas distintas, não relacionadas e incoerentes (PS↔D). O paciente pode estar descrevendo um sonho, seguido por uma lembrança de um incidente que ocorreu no dia anterior, seguido por um relato de alguma dificuldade na família de seus pais. O recital pode levar três ou quatro minutos, ou mais. A coerência que esses fatos têm, na mente do paciente, não é relevante para o problema do analista. Seu problema – eu o descrevo em estágios – é ignorar essa coerência de modo a confrontar-se com a incoerência e experimentar incompreensão a respeito daquilo que lhe está sendo apresentado. (p. 110)

E continua:

Graças a sua própria análise deve ter-lhe sido possível tolerar essa experiência emocional, embora ela envolva sentimentos de dúvida e talvez até mesmo de perseguição. Esse estado precisa perdurar, talvez por um curto período, mas provavelmente por um período mais longo, até emergir uma nova coerência; neste ponto ele alcançou →D, o estágio que descrevi como análogo à nomeação ou ‘conjunção’. A partir desse ponto seus próprios processos podem ser representados por ♀♂ – o desenvolvimento do significado. (p. 110)

Considero justificável a extensão da citação por sintetizar os elementos essenciais desse momento da elaboração. Trata-se ele próprio, como refere Bion, de uma experiência emocional. Evidencia-se também a importância, no início

do processo, do mecanismo PS↔D (desintegração ↔ integração) nos domínios do conhecer (vínculo K), acrescido, conforme o autor menciona em seguida no mesmo texto, do *fato selecionado* como gatilho para a integração. Constitui aquele momento em que algo no material do analisando ou na mente do analista relaciona de modo coerente elementos até então não vinculados entre si. O resultado dessa *conjunção* é a formação do *objeto analítico* no sentido que Bion (1963/2004) dá a esse termo. Em seguida, entra em ação o mecanismo ♀♂ constituído pela identificação projetiva novamente nos domínios do processo de conhecer.

Assim como, na experiência emocional inaugural da amamentação, a pré-concepção inata do seio torna-se a concepção de um seio (algo ainda bastante sensorial e particularizado) quando pareada (♀♂) com a realização do seio materno, a concepção, por sua vez, quando o indivíduo consegue tolerar mantê-la suficientemente insaturada, converte-se ela própria em uma pré-concepção que poderá ser “acasalada” (♀♂) com novas realizações. Assim, serão gerados conceitos já mais abstratos, bem como generalizáveis, e, por isso mesmo, articuláveis entre si (novamente o mecanismo ♀♂) para construir inclusive teorias. É isto que Bion descreve como o *desenvolvimento do significado* na citação acima: um processo pelo qual torna-se possível discernir e expandir o significado da conjunção alcançada com a integração dos fatos antes incoerentes.

Esses estágios do trabalho mental ocorrem em ciclos sucessivos e potencialmente infinitos, como também acontece sempre que estamos pensando nossas experiências emocionais.

Os pensamentos assim gerados e desenvolvidos poderão ser usados para registrar algo (notação), para dirigir a atenção sobre isso (de uma forma ainda flutuante e mais receptiva), para investigar este algo já com conjecturas em mente e para transformá-lo em uma ação pensada, que inclui a comunicação (Meltzer, 1993), como é o caso de uma interpretação analítica. Quanto mais próximo destes últimos empregos, maior será a necessidade de confronto com a realidade e, portanto, com a dor psíquica, o que suscitará crescentes resistências.

Além disso, os pensamentos também podem servir para a construção de “mentiras”, no sentido que Bion (1971) dá ao termo, isto é, de defesas contra a angústia diante do desconhecido e, portanto, das mudanças psíquicas.

É preciso destacar que todo este desenvolvimento positivo do pensar exige que a relação consigo mesmo e com o outro tenha como conectivo os vínculos de amor, ódio e, preponderantemente, da busca ou, como eu chamaria, tomando emprestado um termo de Heidegger (1955/1973), da *disposição* a conhecer, ou seja, o vínculo K de Bion (1962/1977). Isto porque a preponderância do amor ou do ódio levam à substituição do pensar pela ação não pensada. O amor mobiliza a

tendência a possuir o objeto e o ódio a tendência a evitá-lo, dominá-lo ou destruí-lo. Apenas a disposição a conhecer dá tempo e liberdade ao objeto para que possa ser conhecido como realmente é. Uma das características essenciais de tal disposição é a aceitação de que todo conhecimento é sempre parcial e temporário. Tolerância à dúvida e a um senso de infinitude são essenciais para a evolução do pensar, enfatiza Bion (1962/1977).

Nas situações em que predominam tendências anti-vínculos, como as geradas pela inveja, por exemplo, os elementos a serem conjugados e pensados são, pelo contrário, despojados de significado, restando apenas resíduos sem valor. O objetivo é destruir os pensamentos e o pensar (uma interpretação analítica, por exemplo), substituindo-os pela afirmação onipotente de superioridade moral e do “Não-aprender”, imposta por um “‘super’-ego” (Bion, 1962/1977, p. 98, tradução livre).

Em minha concepção (Hartke, 2004), baseada nessas proposições de Bion, mas acrescidas de contribuições da teoria sobre os sistemas adaptativos complexos (Atlan, 1986; Lewin, 1993; Kauffman, 1995), diria que um certo grau e tempo de desintegração constituem uma dispersão, flexibilidade e liberdade imprescindíveis. Para além desse grau e duração, gera desorganização caótica, seja ela física, orgânica, psíquica ou social. Por outro lado, determinado grau e tempo de integração são fundamentais para a estruturação, organização e estabilidade. Além desse grau e persistência, ocasiona estagnação, cristalização e esclerosamento também físico, orgânico, psíquico ou social. A *vitalidade* é constituída pela permanente oscilação entre estes graus e durações limitadas de desintegração e integração. O ponto de máxima criatividade, aptidão e adaptabilidade encontra-se no chamado *limite do caos* (Lewin, 1993; Kauffman, 1995), constituído por um compromisso altamente dinâmico, delicado e frágil entre estrutura e surpresa ou, segundo a feliz expressão de Atlan (1986), *Entre o cristal e a fumaça*. A *vida* em todos os sentidos torna-se possível quando as referidas oscilações originam um “resíduo” (o caráter individual, o establishment social, o setting analítico, por exemplo) suficientemente estável, em termos de grau e permanência, para que possa funcionar como um continente dentro do qual elas possam ocorrer sem comprometer em demasiado a organização e o funcionamento geral do sistema. Tal continente, por sua vez, necessitará também periodicamente desintegrar-se e se reintegrar de uma nova forma, na medida em que um outro continente externo e/ou gerado dentro do mesmo sistema possibilitar tal mudança sem que esse último sofra uma desintegração total.

Considero, além disso, que as formulações de Bion (1962/1977) e Meltzer e Williams (1988) ao tomarem a experiência emocional como ponto de partida para a origem dos pensamentos e do pensar ressoam com uma longa tradição filosófica. Para Platão, Aristóteles e, bem mais tarde, Heidegger (1955/1973), a filosofia (e eu

acrescentaria o pensar) origina-se e é permanentemente sustentada pelo “espanto” (em grego *thaumázein*), isto é, uma “dis-posição (no sentido de uma tonalidade afetiva que nos harmoniza e nos convoca por um apelo)” (Heidegger, 1955/1973, p. 219). Penso que isso torna-se mais apreensível quando consideramos que Taumas era, para os gregos, justamente o deus Espanto. Em uma versão de seu mito – cuja origem não consigo localizar, mas que talvez me tenha sido relatada pelo professor Donaldo Schüler –, Íris Veloz, filha de Espanto e Electra, afasta-se e se recolhe rapidamente frente ao impacto provocado pela visão de seu pai (como a íris de nossos olhos frente à luz excessiva), podendo, depois, apenas imaginá-lo. Em outras palavras, frente ao espanto gerado pela presença de algo deslumbrante, o olho fecha-se e o ser humano começa então a representá-lo em sua mente e a pensar.

Finalmente, para que toda a elaboração psíquica das experiências emocionais possibilite e promova mudanças psíquicas e, assim, um real crescimento mental, é necessário ainda mais um passo, destacado extensamente por Bion em seus livros *Transformações* (1965/2004) e *Atenção e interpretação* (1970/2006). É imprescindível a transição do conhecer sobre a experiência emocional para realmente vivenciá-la, para *ir sendo* ela (Bion, 1965/2004). Vivenciar a experiência em si é distinto de ter pensamentos e pensar sobre ela (Bion, 1965/2004; Hartke, 2013). Esses últimos processos constituem apenas substitutos e aproximações a algo essencialmente inefável, expresso por Fernando Pessoa (1917/2016) em um de seus *Poemas inconjuntos*, que mereceria ser apresentado na íntegra:

*Se o homem fosse, como deveria ser,
Não um animal doente, mas o mais perfeito dos animais,
Animal direto e não indireto,
Deveria ser outra a sua forma de encontrar um sentido às coisas,
Outra e verdadeira.
Deveria haver adquirido um sentido do “conjunto”,
E não, como temos uma ideia, do “total” das coisas.
E assim – veríamos – não teríamos noção do “conjunto” ou do “total”,
Porque o sentido do “total” ou do “conjunto” não vem de um total ou de
um conjunto
Mas da verdadeira Natureza talvez nem todo nem partes.
O único mistério do Universo é o mais e não o menos.
Percebemos demais as coisas – eis o erro, a dúvida.
O que existe transcende para mim o que julgo que existe.
A Realidade é apenas real e não pensada”.*

*O Universo não é uma ideia minha.
A minha ideia de Universo é que é uma ideia minha.*

...

*Assim como falham as palavras quando querem exprimir qualquer
pensamento,
Assim falham os pensamentos quando querem exprimir qualquer
realidade. (p. 75-76, grifos meus)*

Na verdade, oscilamos inevitável e necessariamente entre momentos em que estamos “sendo” a experiência emocional em curso e outros, a meu ver até mais extensos, nos quais pensamos sobre elas. Parodiando uma frase de Kant várias vezes citada por Bion (1977/1992), diria que vivenciar sem pensar é cego, assim como pensar sem vivenciar é vazio. Essa transformação do *conhecer sobre* para o *tornar-se* (Bion, 1965/2004) é a fonte de angústias fundamentais e, conseqüentemente, de uma forma básica de resistência que leva o analisando a aceitar as interpretações de forma apenas intelectual, acumulando conhecimentos sem mudança psíquica.

Quando realmente conhecemos e também vivenciamos uma experiência emocional, ocorre algo que Bion (1965/2004) chama de *mudança catastrófica* no sentido de produzir uma ruptura na forma de o indivíduo conceber a si mesmo e aos seus objetos internos e externos, de despertar sentimentos mais ou menos angustiantes de desorganização e de ser repentina, mesmo quando precedida de toda uma preparação emocional. Ao mesmo tempo, algo permanece invariante antes e após a mudança. Assim, por exemplo, o analisando X continua sabendo que é X, ainda que diferente. Isto faz com que a maturação da personalidade ocorra em saltos descontínuos, como as peles de uma cebola, e não como uma fita elástica contínua, que pode ser esticada ou retrair-se (Bion, 1977/1992). Por isto, diz Bion (1970/2006), a maturação é algo temido e odiado.

O insight psicanalítico é – ou deveria ser – desencadeador de uma mudança catastrófica desse tipo (Bion, 1970/2006).

Experiências emocionais não suficientemente elaboradas serão descarregadas como ações não pensadas (atuações, falas sem significado, comportamento grupal), reações psicossomáticas ou fenômenos alucinatorios.

Na sala de análise, as experiências precisam ser compartilhadas pelo par analítico, ainda que necessariamente de forma assimétrica (Baranger, 1979/1994), e serão também elaboradas pelo par, novamente de modo assimétrico. O terapeuta precisa sentir como ser humano, mas trabalhar como analista. Bion (1965/2004) é particularmente enfático quanto a isso.

Em psicanálise – diz ele – qualquer O (isto é, a coisa-em-si sobre a qual se está falando) que não seja comum tanto ao analista como ao analisando e, portanto, não esteja disponível para ser transformado por ambos, pode ser ignorado como irrelevante para a psicanálise. (p. 64)

Devo frisar que, na maneira como utilizo em meu trabalho analítico, “O” é a experiência emocional em si, essencialmente inefável, com potencialidade para transformação em representações que converterão em finito algo infinito.

Embora tenha descrito o processo de elaboração em etapas sucessivas, na verdade tudo ocorre de maneira mais ou menos simultânea. O analista, entretanto, não deveria perder de vista que, para além das impressões sensoriais e das palavras, há sempre esse algo inefável constitutivo do núcleo que necessita ser elaborado psiquicamente.

Da mesma forma que na relação do bebê com a mãe e sua capacidade de *reverie*, a evolução psíquica do analisando resultará da introjeção do trabalho do par. Bion (1962/1977) é bastante claro neste sentido. Assim, referindo-se a essa relação inicial, diz:

[...] a mãe se beneficia com a experiência e completa seu crescimento. A criança, igualmente, consegue beneficiar-se e prosseguir o crescimento. A criança introjeta essa atividade entre duas pessoas... de maneira a instalar, dentro de si, como parte do aparelho da função-alfa, o aparelho ♂♀. (p. 109)

Trata-se, para mim, de uma proposição que fundamenta a extensão do conceito de Meltzer (1973; Meltzer & Harris, 1998) de *objeto combinado* para o par analítico e de sua introjeção na forma de um ideal de ego inspiracional (Meltzer, 1967) como base da eficácia terapêutica da psicanálise (Hartke, 2014, 2020). Na condição de objeto combinado, analista e analisando alternam-se como continente e contido em uma relação fértil envolvendo amor, ódio e preponderantemente, disposição para conhecer, sem desconsiderar as situações negativas desse funcionamento. Em outras palavras, mais uma vez está presente o mecanismo ♀♂. Por essa razão, Bion (1970/2006) observa que “o problema psicanalítico é o problema de crescimento na relação entre o continente e o contido, repetida no indivíduo, no par e, finalmente, no grupo (intra e extra psiquicamente)” (p. 15-16).

Em Freud, a elaboração psíquica, na sempre abalizada síntese de Laplanche e Pontalis (1987), consiste no trabalho realizado pelo aparelho psíquico para dominar as excitações pulsionais que o assolam, com o objetivo de evitar um acúmulo patogênico, derivando-as ou ligando-as mediante laços associativos. Para

estes autores, envolveria dois passos. O primeiro seria a transformação de uma quantidade física (a excitação) em qualidade psíquica, isto é, em representações mentais. Corresponderia à passagem do registro econômico para o simbólico. O segundo passo envolveria a criação de laços associativos entre as representações já constituídas, ligando-as em cadeias mais ou menos estáveis.

Para mim, estas formulações freudianas contêm o arcabouço de toda a teoria bioniana da elaboração acima exposta. A meu juízo, o que Bion faz, a partir de seu próprio vértice, é desenvolver uma teorização acerca de como ocorre a transformação das qualidades físicas em psíquicas (a função-alfa), ainda que deixando espaço em aberto para novas e necessárias investigações. Além disso, oferece uma proposição sobre o papel do objeto externo – a mãe – na origem do aparelho para gerar os pensamentos e pensá-los. Finalmente, conforme tentei resumir acima, Bion procurou descrever o desenvolvimento dos pensamentos, graças a um aparelho de pensar, em termos de seus diferentes níveis de abstração e distintos tipos de usos. Propôs, ademais, uma teoria sobre os fatores e mecanismos psíquicos envolvidos em tais transformações, exposta em seu livro *Elementos de psicanálise* (1963/2004).

Sob este vértice bioniano, o incitador do trabalho de elaboração mental não é somente a energia pulsional, definida por Freud (1905/1978) como a *quantidade de trabalho exigida do psiquismo*, mas sim a experiência emocional, que, conforme já referi, inclui outros fatores além das pulsões.

Em termos mais amplos, é ainda possível dizer que a teoria do amadurecimento da personalidade proposta por Freud está calcada basicamente (embora não apenas) no desenvolvimento pulsional. Em Bion, assenta-se em especial na expansão da capacidade de vivenciar experiências emocionais, sonhá-las e pensar sobre elas.

Ogden (2019) diferencia uma psicanálise que chama *epistemológica*, baseada principalmente em Freud e Klein, voltada para o conhecimento e para a compreensão das motivações inconscientes, e outra que denomina *ontológica*. Essa última, fundamentada em Winnicott e Bion, busca ajudar o analisando a, junto com o analista, intuir, vivenciar e descobrir de maneira criativa o sentido da experiência que está acontecendo no momento para, assim, sentir-se mais plenamente vivo e real. Ao mesmo tempo, Ogden (2019) também reconhece que estas duas formas de psicanálise constituem, na prática analítica, dimensões sempre presentes, com predomínio maior de uma ou outra delas. Para mim, a teoria do próprio Bion, pelo menos na forma como vive em minha mente, é, na verdade e segundo procurei apresentar acima, uma psicanálise epistemo-ontológica.

Passarei agora dessa exposição teórica inicial para narrativas clínicas ou, segundo a sugestiva metáfora freudiana, do cinza da teoria para o verde da clínica.

Meu objetivo é tentar comunicar a forma com que utilizo no trabalho cotidiano alguns dos conceitos sobre elaboração psíquica até aqui expostos.

Trata-se de dois momentos clínicos com conteúdo semelhantes, mas, é óbvio, também com importantes diferenças. Ambos envolvem experiências emocionais relacionadas ao envelhecimento, doenças e perspectiva da morte que, trabalhadas analiticamente pelo par, possibilitaram, naquele momento, a recuperação de vivências afetivas importantes. Um deles aconteceu alguns anos atrás. O outro ocorreu recentemente, em plena pandemia da Covid-19, na modalidade *on-line* com câmera fechada.

Um analista sênior atendendo um senhor octogenário

O Sr. M tem 80 e tantos anos. Procurou-me pelo temor de estar com Alzheimer; pois vinha sentindo dificuldades para lembrar muitas coisas presentes e passadas.

Uma detalhada avaliação neurológica revelou, no entanto, apenas um leve comprometimento cognitivo, compatível com a sua idade e com uma depressão reativa. Já teve uma experiência terapêutica comigo uns 20 anos atrás, devido a um período de impotência sexual, rapidamente esbatido. Quando o reencontrei agora, impressionou-me seu envelhecimento físico. É um homem particularmente inteligente, culto e muito bem-sucedido em termos profissionais.

Toda uma fase inicial do tratamento caracterizou-se por alguns momentos de contato emocional com o luto pelas perdas inerentes à velhice e com uma angústia pela proximidade da morte, ao lado de muitos outros períodos nos quais falava sobre fantasias e insinuações sexuais com as fisioterapeutas que o acompanhavam, insistindo que isto lhe significava vida. Nos últimos tempos, havia desenvolvido um fetiche por pés e mãos de mulheres. Principalmente os pés, porque o ritual da mulher de retirar o calçado, ou aceitar que ele o fizesse, excitava-o em particular. Frente à recusa das fisioterapeutas em participar de tais fantasias, passou a interessar-se também por um site na Internet no qual era possível ver mulheres despindo-se em tempo real. Excitava-se, sobretudo ao deparar-se com alguma completamente despida após ter passado por outras ainda parcial ou totalmente vestidas.

No dia em que eu próprio estava completando sessenta e tantos anos, o Sr. M. chegou dizendo que um amigo próximo havia recebido o diagnóstico de Alzheimer. Isto o angustiou muito, incrementando seu temor de que algo semelhante viesse a ocorrer consigo. Imaginou que iria visitá-lo, segurar-lhe com força as mãos,

chamá-lo de forma vigorosa e que, assim, ele magicamente melhoraria, mesmo reconhecendo que isto é impossível. Como sempre, entretanto, logo passou a falar longamente de suas fantasias sexuais com as fisioterapeutas, das suas recusas, mas também daquilo que via como indícios de eventuais futuras concordâncias. Nestas ocasiões, ocorria-me muitas vezes a sensação e, em certos momentos, inclusive o temor de que não iríamos conseguir realizar qualquer trabalho analítico.

Contudo, no transcorrer desta sessão, surgiu-me pela primeira vez a convicção de que o seu medo de demenciar era também e, neste momento quicá principalmente, o temor de ele próprio bloquear sua capacidade de pensar como uma defesa contra a angústia da proximidade da morte. Percebi que, até então, predominava em minha mente a perspectiva apenas do compreensível temor a uma demência orgânica, na verdade sempre possível.

O paciente iniciou a sessão seguinte repetindo algo que tem referido com frequência nos últimos tempos: Porto Alegre não é mais a mesma cidade. Segundo suas palavras, “não é mais a minha querida Porto Alegre”. E prosseguiu: “As ruas, as praças, os edifícios e as casas são os mesmos. Mas não as pessoas. Vinte e cinco por cento de meus velhos amigos ainda mora aqui. Os outros, já se mudaram para o ‘São Miguel e Almas’ (um dos cemitérios locais). Para mim, Porto Alegre agora é apenas um nome”.

Sua fala evidenciava uma mistura de certa tristeza com alguma angústia, um pouco de resignação e bastante inconformismo.

Referiu ainda que outro velho amigo de cafezinho só falava dos amigos já falecidos, fazia “necrológicos”, enquanto ele desejava conversar sobre os vivos e, principalmente, sobre mulheres. Mas, naquele dia, surgiu-lhe uma preocupação. Tentou abraçar uma fisioterapeuta que, por vezes, parecia corresponder às suas insinuações. Ela o afastou com gentileza, mas também firmeza, dizendo-lhe que estavam ali apenas para realizar os exercícios programados e contando, em seguida, que vinha planejando ter filhos com o marido. Relatou-me então que, pela primeira vez, ficou com medo de terminar como um conhecido seu, que, demenciado, começou a, segundo sua expressão, “passar a mão” inclusive nas filhas. Eu próprio vinha sentindo o temor de que o Sr. M. pudesse ser processado por assédio sexual. Assim, percebi-me aliviado com a sua preocupação. Disse-lhe que parecia estar com medo de perder a cabeça com as fisioterapeutas, por só pensar em sexo com elas como uma maneira de evitar confrontar-se com o envelhecimento e com o medo da morte.

Senti-me impactado após tal intervenção, temendo ter sido demasiadamente direto, e achei que o Sr. M também estava atingido.

O clima da sessão tornou-se mais depressivo, pesado, ocorrendo-me

inclusive a sensação de algo “fúnebre”, de “São Miguel e Almas”.

Com outro tom de voz, mais sério e compenetrado, o Sr. M passou a falar de sua preocupação com o único neto homem, que levará adiante seu sobrenome. Temia que ele fosse uma pessoa frágil, de pouco sucesso na vida. Em seguida, relatou que vinha sentindo dificuldade para engolir certos alimentos, escolhendo o que ia comer diante de outras pessoas para não passar pelo constrangimento de se engasgar. Falei-lhe que também pensamentos e emoções às vezes eram difíceis de engolir. Evidentemente pensei que estava sendo difícil para ele absorver o que eu havia dito, mas não formulei isto de forma tão direta.

Fez um longo silêncio, com uma tonalidade para mim indefinida. Então, com uma expressão mais aberta – sem chegar a ser efusiva –, disse que, naquele dia, iria pedir para uma das fisioterapeutas mostrar-lhe o pé descalço, sob o argumento de verificar se realmente havia torcido o tornozelo conforme tinha dito.

Ocorreu-me naquele momento uma fugaz e imprecisa ideia de que, atualmente, o seu principal fetichismo estava nos domínios do pensamento. Encontrava-se fixado nas fantasias, insinuações e relatos sobre mulheres e sexo, para evitar defrontar-se com o conjunto de sua vida atual! Ou seja, uma parte substituindo um todo. Mobilizado por este pensamento, *disse-lhe que talvez fosse mais fácil para ele falar dessas expectativas com a fisioterapeuta do que sobre o assunto com o qual havia iniciado a sessão, isto é, que Porto Alegre não era mais a sua cidade de antes. Não lhe era mais apenas alegre!*

O ambiente tornou-se sério de novo. Finalmente, após outro longo silêncio, o Sr. M disse:

“Eu sei que vou morrer em poucos anos. Quantos ainda terei? Não muitos. Quando somos adolescentes, não pensamos em morte. Hoje, os dias são contados. É ... difícil. Muito difícil. Antes eu dizia: “daqui a um mês vai acontecer tal coisa”! Agora, às vezes me vejo pensando que, daqui a um mês, perdi mais um mês de vida! Não é fácil. Mas esta é a minha realidade!”.

Senti que ele estava em contato emocional com sua fala e me percebi profundamente tocado. Acudiu-me então um pensamento que já me ocorrera em outras circunstâncias: quantas férias ainda passaria com minha família? Quantos natais e anos novos ainda viveria? Uns vinte e poucos talvez, se tudo correr bem... Vinte anos não é muito... E se for menos?

Quando este tipo de pensamento eventualmente me vem à mente, considero vivenciá-lo com boa dose de realismo, às vezes alguma tristeza, mas em geral como um motivo para continuar aproveitando bem a vida com meus familiares e amigos, e para tentar adquirir cada vez mais sabedoria, o que, como Bion destaca, é diferente de apenas acumular conhecimentos.

Contudo, naquele momento da sessão, pensei, acho que reativamente: *“sinto-me com saúde, com planos de vida! Nem estou precisando tomar qualquer medicação de forma continuada! Meus pais viveram até os oitenta e tantos anos. Meu ex-analista já está com noventa e continua muito bem”*. Lembrei-me em seguida que, poucos dias atrás, estava sentado na mureta de pedras do muro de arrimo do caminho de entrada da casa que estamos construindo na praia e disse para a minha mulher que, quando não estivéssemos mais aqui, nossos netos talvez sentassem ali e, quem sabe, recordassem que fizemos tudo aquilo também para eles. Assim, estaríamos lembrados naquele muro de contenção ..., *“Mas – logo me ocorreu – pedra não morre. Nós sim. Mais vinte e poucos anos, no melhor dos casos?”*. *“Aliás, não há idade para morrer!”*.

Recordei-me na sequência que, durante toda a sua vida, o Sr. M havia empenhado grande parte de suas energias na necessidade de vencer barreiras com mulheres, conquistá-las, entrar em suas intimidades e possuí-las sexualmente. Isto o levou a trair com frequência a esposa, a desvalorizá-la e a dedicar-se pouco aos filhos e netos. Será que temia ser logo esquecido ou ficar mal lembrado na mente dos que o rodeavam? Ou seja, será que temia não dispor do consolo de, até certo ponto, continuar existindo na mente daqueles que amamos? Eu gostaria que meus entes queridos guardassem uma boa memória de mim.

Emergindo do meio desses pensamentos e sentimentos, disse que compreendia a sua dor e que poderíamos conversar sobre isto.

Após um silêncio meditativo, o Sr. M respondeu-me que talvez em parte eu pudesse compreendê-lo e que isto já era muito importante. Acrescentou que tudo era muito diferente quando se tinha por volta dos sessenta anos – como imaginava que eu tivesse – do que quando se estava com mais de oitenta. Com oitenta e tantos, segundo suas palavras, *“o prazo inexorável é bem menor”*.

Mantive-me em silêncio enquanto concordava internamente, pensando que, de minha parte, ainda tinha a possibilidade de alimentar mais sonhos futuros do que ele. Senti certo alívio pessoal, mas também respeito por sua dor. Subitamente comecei a pensar na possibilidade de vir a experimentar ou, quem sabe, já estar sentindo um certo triunfo edípico em relação ao Sr. M. Como isto poderia influenciar meus sentimentos, compreensões e interpretações? Já teria influenciado? Afinal, a ideia estava me ocorrendo naquele momento. Gratuitamente? Teria, em parte pelo menos, sido responsável pela interpretação mais direta da sua defesa contra o envelhecimento e medo da morte que, no entanto, também senti como necessária e verdadeira? Ou, conforme cogitei posteriormente, estaria eu recorrendo à teoria edípica como defesa contra prosseguir em contato com a experiência emocional vigente?

Na verdade, nunca saberei com exatidão o quanto cada um desses motivos participou nesta e em outras intervenções. Mas, naquele momento, considerei importante ter consciência destas possibilidades.

Quase ao final, o Sr. M disse ter se sentido um pouco “humilhado” quando a neurologista lhe falou sobre seu leve comprometimento cognitivo, mesmo que isto significasse não estar demenciado. Compreendi que havia ali também uma referência à forma com que vivenciara as minhas intervenções na sessão. *Respondi compreender que tinha se sentido atingido em uma das capacidades que lhe eram mais caras, isto é, a capacidade de pensar.* Foi tudo o que consegui dizer.

Após a sessão, temi que ele não retornasse na próxima, e que inclusive interrompesse o tratamento. Questionei-me se realmente a minha intervenção relativa ao uso defensivo da sexualidade também portava algo de um triunfo edípico, mesmo que ainda a considerasse necessária. Mas, sendo assim, não deveria tê-la efetuado? Ou, quem sabe, formulado de outra maneira ou em outro momento? Talvez também para mim fosse difícil contatar tão diretamente os temores que lhe assinaliei.

No entanto, o Sr. M retornou. *E relatou que, ao sair da sessão anterior; apanhou uma chuveirada até alcançar o carro, chegando em casa, conforme suas palavras, “molhado que nem um pinto”. Precisou optar entre andar mais depressa, correndo o risco de uma queda – o que pode facilmente acontecer nessa idade –, ou ir devagar, mas molhar-se, preferindo esta última alternativa, mais segura. Ao chegar em casa, fora logo tomar um banho quente.* Imaginei-o sozinho na rua, hesitante, molhado. Senti pena e uma certa tristeza pela precariedade humana; pelo desamparo que, lá no fundo, ronda todos nós. Internamente relacionei seu relato sobre o banho de chuva com os sentimentos presentes no final da sessão anterior. Mas, de repente, ocorreu-me também a imagem de um menino pequeno, triste, sozinho, assustado, molhado de lágrimas. E acudiu-me então a lembrança de uma cena que o Sr. M havia relatado com muita dor e tristeza no tratamento anterior, cena esta cujas repercussões em sua vida tínhamos analisado na ocasião. *Certa noite, por volta dos seus 6 ou 7 anos, acordou assustado e entrou chorando no quarto dos pais à procura de um consolo materno. Contudo, o pai expulsou-o agressivamente, ordenando-lhe que voltasse para o próprio quarto e ameaçando bater-lhe com um chinelo caso persistisse chorando. Lembrava-se nitidamente dele gritando “não chora, não chora”!* Senti que, naquele momento, descortinou-se para mim outro vértice ou, melhor ainda, uma outra dimensão da situação emocional que estávamos enfrentando: o homem de oitenta e tantos anos, apreensivo com a velhice e com a perspectiva da morte, era também o menino assustado, temendo ficar sozinho e desamparado em seu quarto. Por isto, a seu modo, era para ele tão

importante ser acolhido por uma mulher que não o rejeitasse, que cuidasse dele e que não o abandonasse. Também por isto o Sr. M necessitava de uma figura paterna que compreendesse sua angústia ao invés de agredi-lo. Pensei que agora, ali, na nossa relação, eu precisava tomar cuidado para não ser dominado pelo sentimento de triunfo de um filho rival – pelo menino dentro de mim –, mas persistir como alguém que o acolhesse e procurasse, junto com ele, tentar conter e compreender sua angústia. *Disse-lhe que, molhado daquele jeito, às voltas com suas apreensões, deveria ter se sentido muito desconfortável e que, nestes momentos, é sempre confortador poder chegar em casa e tomar um banho quente. Sentir-se abrigado, diversamente do que havia experimentado naquela noite de sua infância em que o pai expulsou-o do quarto e ameaçou bater-lhe.*

O Sr. M concordou, mostrando-se claramente triste. Recordou o episódio com emoção, destacando que a mãe não veio lhe auxiliar e ele ficou sozinho no seu quarto, chorando em silêncio. Na verdade, prosseguiu falando, nunca pode contar muito com a ajuda dela. A mãe sempre foi uma pessoa deprimida. Com um misto de tristeza e revolta, voltou a falar do suicídio materno quando ele estava com quarenta e oito anos e já havia perdido o pai, um tema que também havíamos analisado detidamente no tratamento anterior.

Depois de um longo silêncio, contou que a sua mulher estava em casa quando chegou molhado, que o banho realmente foi restaurador e que ela havia lhe alcançado roupas secas. Disse que a mulher enfrentava melhor a velhice, que conseguia encarar melhor as dores e limitações nos joelhos, nas mãos, na coluna, na memória, embora fosse muito mais limitada intelectual e culturalmente. Começava a reconhecer nela uma maior capacidade do que ele para lidar com essas realidades da vida. Para o Sr. M, tudo isto era muito mais difícil de aceitar.

Após um novo silêncio, que senti como elaborativo, disse que, atualmente, quando passava diante do edifício do amigo com Alzheimer, sempre pensava: “Agora ele está preso no mundinho dele, sem saída”. Isto o angustiava muito. Não queria que o mesmo viesse a acontecer consigo.

Verbalizou também que achou importante, embora doloroso, termos falado na sessão anterior sobre suas angústias. Disse então – para certa surpresa minha – que voltara a lembrar sonhos e que, se fosse o caso de analisá-los, como fazíamos no tratamento anterior, teria muito a falar.

Nesse momento, senti-me mais seguro quanto à adequação das interpretações da sessão anterior. Talvez uma parte dele a houvesse sentido como uma nova humilhação, mas outra parte, que nesse momento preponderava, recebeu-a como um convite ou incitação para enfrentar sua verdade emocional.

Tive a convicção dele estar agora nos comunicando – a mim e a ele próprio

– que essa seria uma maneira de procurar sair da prisão que o desejo de não pensar poderia colocá-lo e nos colocar. Ou seja, ser capaz de entrar em contato com a verdade emocional, sonhar e pensar suas experiências sob diferentes vértices, como me vi, por exemplo, fazendo na sessão anterior quanto à ideia de me restarem uns vinte anos de vida ou como estive procedendo a respeito de minhas intervenções. *Então me ouvi dizendo-lhe “Fique à vontade! Por que não poderíamos falar sobre sonhos? Afinal, sonhar é acordar para dentro, como dizia o Mário Quintana”.*

O Sr. M, que gosta de poesia e deste poeta gaúcho, sorriu e começou a contar que essa manhã acordou quando estava sonhando que se encontrava em um navio, provavelmente sozinho. Tinha retornado ao seu camarote e encontrou ali um casal de gordos falando alto entre si e rindo de forma “abobada” enquanto colocavam suas roupas no armário que lhe pertencia. Frente a isto, bradou-lhes: “Para lá! Eu quero mudar de roupa”.

Começamos a explorar alguns detalhes do sonho. *A associação que mais lhe chamou a atenção foi a do homem no sonho com um amigo gordo que faleceu recentemente aos 83 anos. Achou curioso o fato de exclamar que queria mudar de roupa e não de protestar contra a presença de estranhos no seu camarote.* De minha parte, pensei que também sou mais gordo e que talvez estivesse no sonho, espicaçando-me por sentir-me como alguém que entrava em sua mente, mexia nos seus guardados e, por vezes, o levava a sentir-se humilhado.

Mas já estávamos no final da sessão.

Considerarei que o mais importante, naquele momento, foi o fato de o Sr. M trazer um sonho e de começarmos a explorá-lo. Em outras palavras, seu desejo e capacidade de poder fantasiar, imaginar e pensar ao invés de desmentalizar-se.

Sabia que ainda teríamos trabalho pela frente. Trabalho psíquico. Elaboraões de angústias, de perdas, de desejos, de lembranças dolorosas, de nostalgia por bons momentos do passado, de preocupações e sonhos quanto ao futuro.

Gostaria finalmente de relatar que, na noite após essa sessão, eu tive um sonho:

Sentia minha cabeça “porongada” (esse é o termo que me ocorria no sonho). Meu consultório ainda se localizava no edifício onde trabalhei até uns vinte anos atrás. Teria parado de atender por algum tempo – não tenho ideia do motivo – e agora estava retornando. Contudo, ao dirigir-me para o local, não me recordava do andar de minha sala. Seria o décimo primeiro ou o décimo terceiro? Chego ao hall de entrada, vejo os elevadores e os ascensoristas, mas sinto-me meio desorientado. Penso que o melhor seria ir até um dos andares cogitados e, então, ver se encontrava a minha sala. Mas também temo que o trajeto dos elevadores seja, estranhamente, muito complicado, com desvios, curvas e mudanças.

Acordo com certa ansiedade, sem saber por um breve momento se já estava dormindo em minha casa ou no hotel onde estivera no fim de semana. No entanto, logo me localizei e imediatamente relatei o sonho com o Sr. M.

Onde e o quanto as suas angústias tocaram em mim? Quanto eu as tenho elaboradas? Será que precisei sentir na carne o temor da desmentalização, da demência, para poder empatizar ainda mais com ele? Estaria eu me punindo pelo possível elemento de triunfo edípico, identificando-me com o seu medo de demenciar, isto é, castrando-me mentalmente? O sonho expressaria meu temor de desmentalizar-me para não precisar confrontar e experimentar as angústias presentes na sala de análise – do Sr. M e minhas? Enfim, experiências emocionais e elaborações psíquicas que precisaria continuar realizando também dentro de minha mente para poder enfrentar meus próprios fantasmas e, assim, prosseguir o trabalho analítico com o Sr. M.

O resgate *on-line* de um pai morto durante a pandemia

P. tem mais de setenta anos, está em análise há bastante tempo e um dos aspectos que o caracterizavam era uma frequente recusa (Freud, 1938/1986) frente à percepção de importantes aspectos da realidade externa, junto com a marcante negação (Klein, 1946/1991) de sua realidade psíquica. “Enxergar, mas não ver”, e ter emoções, mas não conseguir vivenciá-las, eram temas constantes nas sessões. Isto vem claramente diminuindo nos últimos tempos, graças a um constante trabalho analítico bastante centrado nas defesas contra angústias inconscientes mobilizadas nas relações afetivas e nos desafios profissionais cotidianos.

Sua mãe parece ter ficado afetivamente marcada pela perda precoce dos pais. O pai é descrito como “um empresário fora e dentro de casa”, mas às vezes surgiam referências a ele como um homem íntegro, que propiciou à família boas condições de vida.

Teve dois casamentos anteriores, vivendo atualmente um relacionamento com uma mulher que já perdura por vários anos. Nos últimos tempos, está cada vez mais se reaproximando do único filho, com o qual até então mantinha pouco contato.

*Afirma que o atendimento *on-line*, sem imagem, possibilitou-lhe sentir-se mais à vontade e em condições para contatar e refletir sobre sua vida emocional, o que também é a minha impressão em seu caso específico. Atrasava com muita frequência, o que deixou de ocorrer após o início da nova modalidade de atendimento, assim como nunca mais aconteceram faltas. Contraiu Covid-19*

logo no início da pandemia, por negligência dos cuidados recomendados. Foi hospitalizado em função da idade e certo comprometimento pulmonar, mas não necessitou tratamento intensivo nem ficou com sequelas. Tentei várias vezes falar sobre seus sentimentos e fantasias durante a hospitalização, mas P. dizia apenas que havia sido muito bem atendido, que nunca sentira medo de agravamento da doença e que se surpreendera com o quanto, familiares e conhecidos seus, ficaram preocupados na ocasião, em função de sua idade.

Na sessão anterior àquela que relatarei com mais detalhes, contou um sonho (o que é raro) no qual encontra uma colega do colégio da época da infância, muito bonita, mais velha que ele e que poucas vezes voltou a encontrar. Ela aparece bem mais jovem do que nos tempos atuais e diz tê-lo visto recentemente na televisão (o que nunca ocorreu) mas que, ao vivo, ele estava bem mais velho, algo decaído. Nesse momento do relato, ocorreram-lhe as palavras “decrepitude” e “fim”.

Na noite anterior ao sonho, P. tinha lido pela primeira vez o laudo de um exame médico cuja conclusão era mais séria do que registrara em sua mente quando da consulta com o médico que o atende, sem, entretanto, significar algo intratável. Contudo, demanda cuidados que ele nem sempre leva em consideração. P. está, inclusive, protelando a realização de outro exame solicitado.

Conversamos sobre o sentimento de envelhecimento e a preocupação com doenças e morte (o “fim”) que lhe restou após a leitura do laudo médico, temendo inclusive infartar durante o exame que precisa realizar. No entanto, senti que não se deixou tocar afetivamente por esse assunto. Deteve-se mais em falar sobre lembranças relacionadas à colega e ao colégio da infância, parecendo, assim, refugiar-se no passado como defesa aos medos e angústias do presente. Aludi também a um temor de que eu, como a colega do sonho, o achasse muito envelhecido caso nos víssemos na tela do celular ou nos encontrássemos pessoalmente. Quanto a esse ponto, concordou estar com uma sensação de crescentes limitações físicas e que isto o incomodava sobremaneira, pois nunca imaginara envelhecer.

P. inicia a sessão seguinte dizendo que está “sem agenda”, que nada lhe vem à mente, que não tem o que falar. Em seguida, comenta que, pela janela de seu apartamento, está vendo pássaros cantando e passa a descrevê-los. Pergunto-lhe, após algum tempo, o que lhe ocorre diante disso e responde estar apenas contemplando a cena. Diz ter provavelmente um déficit inato para sentir e imaginar. Eu próprio imagino-o concentrado unicamente na percepção dos pássaros como uma forma de evitar deixar seus pensamentos e emoções mais livres, pois inúmeras vezes já o vi com esse tipo de funcionamento. Ocorre-me então convidá-lo a fechar os olhos para “ver o que canta” dentro dele. “Nada”, responde-me, após um silêncio seguido de outro maior. Aguardo. Finalmente diz estar lembrando que, na

sessão anterior, de alguma forma havíamos falado algo sobre “a coisa da morte”, embora não recorde detalhes. Algum tempo antes de falecer, acrescenta, a sua mãe, bastante idosa, perguntava muitas vezes quando iria morrer e que via “certa angústia” nos seus olhos. Após novo longo silêncio, lhe vem à mente uma cena, vista na televisão, na qual uma criança é surpreendida por uma enxurrada, tenta desesperadamente não submergir, mas é carregada pela correnteza e desaparece sob o olhar desesperado das pessoas que tentavam resgatá-la, sendo encontrada morta algum tempo depois. Também lhe acode a cena de uma pessoa saltando desesperada de uma das Torres Gêmeas, em um documentário sobre o “Onze de Setembro” que assistiu poucos dias atrás. Fecho os olhos, imagino tais cenas e acho que consigo suficientemente empatizar com a dramaticidade que ambas envolvem. Comento serem situações sem saída, desesperadoras, que terminaram inclusive em morte. Novo silêncio prolongado, após o qual P. diz que sempre teve muito temor de morrer afogado ou queimado. “Como nessas cenas”, destaco eu. Concorda e acrescenta imaginar como deveria ser a sensação de pessoas guilhotinadas, pois leu em algum lugar que a cabeça separada do corpo ainda continuava viva por um breve tempo. Percebo-me imaginando como seria isto, experimento um desconforto, mas logo me consolo pensando que não daria tempo para sentir ou pensar qualquer coisa. Ocorre-me em seguida como deve ser a sensação de morrer sem conseguir respirar, como no caso da síndrome respiratória aguda grave causada pela Covid-19, recordando-me de que ele esteve hospitalizado por essa doença. Enquanto isso, P prossegue falando, com uma voz que expressa alguma angústia, embora leve: “No leito de morte é barbada para quem é religioso. Mas como é para quem não crê, como eu? Aí deve ser aquela sensação de terminou e pronto! Alguém mais proeminente ainda pode imaginar que poderá ser lembrado por duas ou três gerações e olhe lá! Ou por seus ascendentes... ou descendentes. Sempre confundo estas duas palavras. Mas eu tenho boa renda, pouca despesa... estou tranquilo”. Sua voz está nesse momento diferente, menos grave, e o ritmo da fala aumentou um pouco. “Agora me ocorre um assunto bem fora disso”. Relata então – com detalhes – um negócio no qual sentiu-se inicialmente “passado para trás”, ficando indignado, mas que depois tudo se resolveu a seu favor, o que o deixou muito satisfeito. Assinalo que resolver bem um negócio e ficar satisfeito é um assunto bem mais agradável do que aqueles que estávamos às voltas antes, que são angustiantes, que despertam medos. P. responde imediatamente: “Da morte? Não sei que medos ... De morrer deste meu problema que li no laudo? Não, não é medo! Não tenho esse medo! Seria mais um lamento por terminar, por acabar, não medo. Inclusive posso dormir e nunca mais acordar... É lamento de perder... não poder mais viajar, trepar ...”. Voltam-me à mente com vivacidade

as cenas por ele descritas no início e fecho de novo os olhos para tentar contatar mais profundamente as emoções despertadas. Sinto vontade de afastar-me delas e não voltar a tocar no assunto. Ocorre-me a expressão de Cristo na Cruz, “Pai, afasta de mim esse cálice!” Estou algo apreensivo e dou-me conta de que desejo me distanciar das angústias presentes na sessão. Poucos dias atrás, fiquei resfriado e temi ter contraído Covid-19, mesmo com todos os cuidados que estamos tomando em nossa casa. Contudo, os testes resultaram negativos, recuperei-me em seguida e, nesse momento da sessão, sinto-me satisfeito com isso. Como P com seu negócio resolvido! Lembro, porém, que um amigo meu está hospitalizado e talvez precise ser entubado. Percebo-me penalizado, preocupado com ele e também comigo e com meus familiares em virtude da pandemia. *Falo que, nas cenas inicialmente relatadas por ele, deveria existir muito medo, pavor inclusive! “Nem estava mais pensando nisso”, responde-me P. E prossegue: “Não sei... todo mundo sabe que a morte virá um dia. Isso é um fato da vida!”*. Fico com a sensação de que, nesse momento, ele está realmente falando sobre a morte apenas como um fato externo e não da experiência emocional desencadeada pelos temores e angústias que ameaçam nos inundar. *Ouçoo-o continuando a falar: “O que me assusta muito é ter um AVC e aí ficar com limitações. Isto seria horrível. Depender dos outros. Aí é brabo!”*. Pergunto-lhe se teme isto também por ter tido Covid-19, lembrando que ontem ele falou do sentimento de “decrepitude” e do medo de ter um infarto. Havia inclusive trazido um sonho significativo nesse sentido. Não fico de todo surpreendido – pois isto já ocorreu inúmeras vezes – quando diz não lembrar do sonho. *Aguardo algum tempo e ele, com certa tensão, repete que realmente não recorda o que sonhou. Decido dar-lhe uma pista, referindo o encontro com uma colega da infância que, ao vê-lo pessoalmente, achou-o bem mais velho. “É verdade”, diz ele de imediato, aparentando certa surpresa. “Eu nem lembrava mais disso. Acho que estou com problema de memória por causa da Covid (na verdade, desde o início da sua longa análise ocorrem situações desse tipo). Nunca lembro dos filmes que assisto, por exemplo. Não sei se inclusive não estou começando a ficar com Alzheimer!”*. *“Ou é mais difícil lembrarmos de algo doloroso ou angustiante”, digo-lhe. P. responde imediatamente respeitar o que acabo de lhe falar porque, afinal, sou “um especialista da mente”, mas não sente isso e nem compreende como possa ocorrer. “Tem lógica, mas não sinto”, completa. Passa então a discorrer com certo desprendimento sobre a importância das descobertas de Freud para a humanidade, afastando-se do ponto que lhe assinalei e das emoções correlatas. Ainda assim, considero para mim mesmo, e levando em conta a sua última fala, a existência de um reconhecimento indireto pelo nosso trabalho analítico. Lembro-me também de ele ter algumas vezes contado que, quando pequeno, sofria muito*

*frio. Reclamava para a sua mãe, mas ela retrucava que era um exagero, pois nenhum de seus outros irmãos queixava-se como ele. Por essa razão, para que não percebessem, vestia outra roupa por baixo, sentindo-se assim mais confortável. Por vezes, tenho comparado esta outra vestimenta com as proteções psíquicas que P. usa para não sentir tanto as emoções que o fazem sofrer. Cuido para respeitar o que considero ser uma maior sensibilidade sua à dor psíquica, levando sempre em conta como lhe é importante que isto seja reconhecido por mim. Ao mesmo tempo, não esqueço que tal defesa tem causado muitas e significativas limitações na sua vida. Questiono-me, inclusive, se o atendimento *on-line* sem imagem não propicia alguma proteção desse tipo que, no seu caso, tem facilitado o aprofundamento do trabalho analítico, pelo menos até o momento.*

Assim encerramos a sessão, restando-me certo sentimento de frustração e também o questionamento se não o teria pressionado em demasia para entrar em contato com angústias que, entretanto, pareceram-me evidentes na sessão. Considerei, ademais, que P. sempre necessita de mais tempo para metabolizar o que analisamos. Afinal, cada um de nós tem o seu próprio tempo para a elaboração psíquica.

As sessões seguintes foram ocupadas principalmente por queixas relacionadas a problemas cotidianos. De forma ocasional, emergia algum eco dos assuntos tocados na sessão acima detalhada, logo soterrado por outros assuntos. *Em uma delas, por exemplo, P. viu-se em uma foto recente e achou-se muito velho, “muito acabado”. Associou com uma entrevista que assistiu, de um famoso ator, agora idoso, na qual ele insistia que não deveríamos deixar a velhice tomar conta. “Mas velhice – acrescentou – não é como um carro, que pode ser trocado por um mais novo”, passando logo a tecer várias queixas sobre o aumento daquele que pretende comprar em breve.*

Finalmente, algumas sessões depois, *disse que havia marcado o exame solicitado por seu médico. Verbalizou temer nem sair do hospital, embora nada sugerisse tal possibilidade. Disse-lhe que o via preocupado com esse assunto e com outras questões de saúde já há tempos e que compreendia tais temores. Respondeu que, nos últimos dias, “a ficha parecia estar caindo”, que realmente precisava cuidar-se melhor.*

O exame seria realizado no mesmo hospital em que seu pai faleceu de forma precoce muitos anos atrás. *Fica claramente emocionado ao dar-se conta disso, assim como pelo fato de que já viveu muitos anos a mais que o pai. Passa então a falar da relação entre eles, de uma forma mais emocionada que em qualquer outra ocasião e que também me comove. “É uma pena que não pude aproveitá-lo. Eu era muito jovem quando ele morreu e, para mim, era como se fosse um*

empresário também dentro de casa, não meu pai. Quando morreu, senti quase que um alívio. Mas agora vejo que não era bem assim. Uma vez, o vi emocionado pela perda de uma irmã. Era uma pessoa respeitada e gostada por muitos. Eu sinto agora um afeto por ele que nunca senti antes. É como se finalmente tivesse um pai. Enquanto ele vivia, eu o achava um chato e tinha até medo dele. Nesses últimos dias, tenho me dado conta que era um homem íntegro, trabalhador, que passou muitas dificuldades no início da vida. Mas a minha sensação sempre foi de que eu não havia tido um pai e ele não havia tido um filho”. Ouço-o chorando e também me deixo emocionar mais livremente, sentindo-me protegido pelo fato de não estarmos nos vendo. “É uma pena – continua ele – eu não ser religioso, pois aí poderia acreditar que iria encontrá-lo quando morrer”. Digo-lhe que, nesse momento, está junto com o pai, que o tem dentro de si e que, quando isso acontece, nos sentimos “recheados” (percebo-me lembrando de meus pais, com afeto e com saudades). Não sei por que usei a palavra “recheados”, e até agora não havia dado importância a isso, mas o fato é que P. se mostra bastante tocado por ela, afirmando expressar muito bem o que está sentindo. Observa, inclusive, estar agradecido por eu tê-la mencionado. Após ouvi-lo, fico com a impressão de que realmente traduz bem o que eu próprio também estou experimentando. E assim nos despedimos nesse dia.

Tenho para mim que nosso árduo trabalho conjunto (pai e filho como objeto combinado?) para ajudá-lo (ou melhor, ajudar-nos) a enfrentar as angústias relacionadas à realidade do conhecimento e ao temor ou pesar pela perspectiva da morte tem auxiliado P. a encarar verdades emocionais sem o medo de desintegrar-se totalmente ou “morrer de frio”. Com isso, e em especial após o temido exame médico no mesmo hospital em que seu pai faleceu, está começando a reconhecer a importância dele em sua vida e, ao mesmo tempo, a dor por tê-lo perdido. Em outras palavras, começa a resgatar, dentro de si, o pai edípico soterrado e o pai amado perdido. Quem sabe este renascimento venha a constituir uma parte fundamental daquelas companhias interiores necessárias para nossa segurança e sobrevivência emocional. Um “recheio” imprescindível.

Ao sair da sessão, fui até a varanda de nossa casa de praia, ainda em construção, e encontrei minha mulher que, animada, falou-me sobre os progressos da obra que administra com dedicação. Penso ter ela percebido que eu havia realizado uma sessão marcante com algum paciente, mas não sei se imaginou por que vales escuros e assustadores estive caminhando e também a que planícies férteis e saudosas cheguei. Ficamos ali sentados e ela respeitou o meu silêncio, fazendo-me sentir acolhido. Naquele momento, tive a impressão de ouvir dentro de minha mente a voz de Mercedes Sosa (1971/1993), cantando *Gracias a la Vida*.

(...) que me deu o ouvido, que em toda sua extensão / grava noite e dia, grilos e canários, / martírios, turbinas, latidos, aguaceiros / e a voz tão terna do meu bem-amado ... / deu-me o som e o abecedário / E, com ele, as palavras que penso e declaro / mãe, amigo, irmão / E luz iluminando / o caminho da alma de quem estou amando / ... Deu-me a marcha dos meus pés cansados. / Com eles andei cidades e pântanos / praias e desertos, montanhas e planícies / e a tua casa, tua rua e teu pátio ... / Deu-me o sorriso, deu-me o pranto / ... Gracias a la vida". (Tradução livre)

E graças a Violeta Parra, autora desse verdadeiro hino de amor à vida.

Não tive qualquer dúvida de estar também ali vivendo uma experiência emocional e que importaria continuar, comigo mesmo, elaborando tudo isto, com a ajuda de minhas companhias internas e externas.

A meu ver, o processo em si de elaboração psíquica é o mesmo com ou sem pandemia, presencial ou *on-line*.

Os conteúdos a serem elaborados na vigência da pandemia têm a peculiaridade de envolver temores e angústias não apenas compartilhadas pelo par (o que também pode ocorrer fora dessa circunstância), mas implicar em situações com riscos reais para ambos os participantes, seus familiares, etc.

O fato de o atendimento ser *on-line* coloca o analista e o analisando em ambientes novos e distintos um do outro, geradores, entre outros fatores, de uma atmosfera emocional diferente para cada um deles. Em conjunto com o fato da comunicação acontecer apenas através da audição (em outros casos também da visão), isso demanda um esforço maior do analista e do analisando para conseguirem sintonizar com a experiência emocional vigente na relação, sem, entretanto, impossibilitá-la, conforme descrito no caso relatado. Exigirá, porém, recursos extras do analista (e do analisando) a fim de conseguir colocar-se no estado mental de *reverie* necessário para sintonizar, sonhar e pensar as experiências emocionais compartilhadas, assimetricamente. Mas volto a enfatizar que o processo não fica inviabilizado, pelo menos no caso em apreço e na maioria dos outros que tenho acompanhado. Isto não exclui situações em que se tornou mais superficial ou mesmo impossível. Seja como for, foi a forma que restou possível para elaborarmos com nossos analisandos as angústias da vida de cada um, particularmente incrementadas durante os espinhosos tempos de pandemia.

Terminarei com uma declaração de Rilke (1910/2010) sobre escrever poesia, extensível, a meu ver, para qualquer transformação de experiências emocionais em uma comunicação fértil:

(...) versos não são, como pensam as pessoas, sentimentos (deles temos o bastante na juventude) – são experiências. Por causa de um único verso é preciso ver muitas cidades, pessoas e coisas, é preciso conhecer os animais, é preciso sentir como os pássaros voam e saber com que gestos as pequenas flores se abrem pela manhã. É preciso ser capaz de recordar caminhos em regiões desconhecidas, encontros inesperados e despedidas que vemos se aproximar por longo tempo – dias de infância, ainda inexplicados, os pais que tínhamos de magoar quando nos traziam um presente e não o entendíamos (era um presente para outro...), doenças de infância que começam tão estranhamente, com tantas metamorfoses profundas e difíceis, dias em quartos quietos e reservados, e manhãs junto ao mar, sobretudo o mar, os mares, as noites de viagem que passavam ruidosamente e voavam com todas as estrelas – e ainda não é o bastante se precisamos pensar em tudo isso. É preciso ter lembranças de muitas noites de amor, todas diferentes entre si, de gritos de mulheres dando à luz e de parturientes leves, brancas, a dormir, que se fecham. Mas também é preciso ter estado junto a moribundos, é preciso ter estado sentado junto a mortos no quarto com a janela aberta e os ruídos intermitentes. Mas ainda não basta ter recordações. É preciso ser capaz de esquecê-las quando são muitas, e é preciso ter a grande paciência de esperar que retornem. Pois elas ainda não *são* as recordações mesmas. Apenas quando elas se tornam sangue em nós, olhar e gesto, anônimas e indistinguíveis de nós mesmos, só então poderá acontecer que uma hora muito rara se levante e saia do meio delas a primeira palavra de um verso. (p. 19-20, grifos do autor) □

Abstract

Living, dreaming, and thinking about emotional experiences: the process of psychic elaboration

The work of psychic elaboration that fosters mental development implies contact with emotional experiences, as well as the ability to dream of them in the sense proposed by Bion: thinking about them and being able to experience them instead of just knowing about them. The resulting psychic maturation takes place in discontinuous leaps through changes in the way individuals feel and conceive of themselves and others. In the analytic relationship, this entire process is experienced and worked on by the pair, in an asymmetric way. Two clinical situations and the

therapeutic transformations that occurred are reported, one of them with online therapy during the Covid-19 pandemic.

Keywords: Bion; Emotional experience; Alpha function; Thinking; Psychic elaboration; Online psychoanalysis

Resumen

Vivenciar, sonhar y pensar experiencias emocionales: el proceso de elaboración psíquica

El trabajo de elaboración psíquica que propicia el desarrollo mental implica el contacto con las experiencias emocionales, así como la capacidad de soñarlas en el sentido que le da Bion a este término, de pensarlas y, además, de poder vivirlas en lugar de solo conocerlas. La maduración psíquica resultante tiene lugar en saltos discontinuos a través de cambios en la forma en que el individuo siente y se concibe a sí mismo y a los otros. En la relación analítica, todo este proceso es vivenciado y trabajado por la pareja, de forma asimétrica. Se reportan dos situaciones clínicas y los cambios terapéuticos ocurridos, una de ellas con asistencia en línea durante la pandemia Covid-19.

Palabras clave: Bion; Experiencia emocional; Función alfa; Pensar; Elaboración psíquica; Análisis en línea

Referências

- Atlan, H. (1986). *Entre o cristal e a fumaça. Ensaio sobre a organização do ser vivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- Baranger, W. (1994). Processo em espiral y campo dinâmico. In W. Baranger, & R. Zak de Goldstein, N. Goldstein, *Artesanias Psicoanalíticas*, (pp. 349-370). Buenos Aires: Kargieman. (Original publicado em 1979)
- Bion, W.R. (1971). The grid. In *Two papers: The grid and caesura*. Rio de Janeiro: Imago. 1977.
- Bion, W.R. (1977). Learning from experience. In *Seven servants: four works by Wilfred R. Bion*. New York: Jason Aronson. (Original publicado em 1962)
- Bion, W.R. (1992). Bion em Nova Iorque. In *Conversando com Bion: quatro discussões com W.R. Bion*, (pp. 69-167). Trad. de P.C. Sandler. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1977)

- Bion, W.R. (1992). Dream-work-alfa. In *Cogitations*. London: Karnac. (Original publicado em 1959)
- Bion, W.R. (2004). *Elementos de psicanálise*. Trad. J. Salomão, revisão de E. H. Sandler e P. C. Sandler. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1963)
- Bion, W.R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento*. Trad. P. C. Sandler, 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1965)
- Bion, W.R. (2006). *Atenção e interpretação*. Trad. Paulo Cesar Sandler, 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1970)
- Freud, S. (1978). Tres ensayos de teoría sexual. In *Obras completas*, trad. de J. L. Etcheverry, (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1979). La interpretación de los sueños. (Pt. I). In *Obras completas*, trad. de J. L. Etcheverry, (Vol. 4). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (1984). Introducción del narcisismo. In *Obras completas*, trad. de J. L. Etcheverry, (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (1984). La interpretación de los sueños. (Pt. II) In *Obras completas*, trad. de J. L. Etcheverry, (Vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1900-01)
- Freud, S. (1985). Estudios sobre la histeria. In *Obras completas*, trad. de J. L. Etcheverry, (Vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (1986). Esquema del psicoanálisis. In *Obras completas*, trad. de J. L. Etcheverry, (Vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1938)
- Gullar, F. (2010). Desordem. In *Em alguma parte alguma*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Hartke, R. (2004). Criatividade e expansão psíquica no limite do caos: a mente como um sistema adaptativo complexo. *Trabalho apresentado no “Simpósio Bion” ocorrido em São Paulo, Brasil, 2004*.
- Hartke, R. (2013). Psychological Turbulence in the Analytic Situation. In H. Levine & L. Brown (Eds.), *Growth and Turbulence in the container/ contained*. London: Routledge.
- Hartke, R. (2014). Realidades e ficções na sexualidade e da sexualidade na psicanálise. Ficções, fantasias e realidades. *Calibán – Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 12(1), 76-97.
- Hartke, R. (2020). Concebendo-me como psicanalista hoje: O sonho e o objeto combinado como fundamentos e modelos da situação e do trabalho analíticos. *Trabalho apresentado na 5ª Científica da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) em 18/06/2020*.
- Heidegger, M. (1973). Que é isto: a filosofia. In *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. de E. Stein. Col. Os pensadores, (Vol. XLV, pp. 207-222). São Paulo: Abril Cultural. (Original publicado em 1955)
- Kauffman, S. (1995). *At home in the universe: The search for the laws of self – organization and complexity*. New York: Oxford University Press.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *Obras completas. Inveja e gratidão e outros trabalhos, 1946-1963*, (Vol. 3, pp. 17-43). Trad. da 4ª edição inglesa coordenada por Elias Mallet da Rocha e Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1946)

- Laplanche, J.L & Pontalis, J.-B. (1987). *Vocabulário da psicanálise*. Trad. de P. Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Lewin, W. (1993). *Complexidade: a vida no limite do caos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- Meltzer, D. & Harris, M. (1998). *Adolescentes*. Buenos Aires: Spatia Editorial.
- Meltzer, D. & Williams, M.H. (1988). *The apprehension of beauty*. Strath Tay: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1967). *O processo psicanalítico*. Trad. de W.I. de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 1971
- Meltzer, D. (1973). *Estados sexuais da mente*. Trad. de I.S. Hahn. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- Meltzer, D. (1983). *Vida onírica: una revisión de la teoría y de la técnica psicoanalítica*. Trad. de M. Mendez-Casariago. Madrid: Tecnipublicaciones, 1987.
- Meltzer, D. (1993). Criatividade e a contratransferência. In M. Harris Williams, *O vale da feitura da alma. O modelo pós-kleiniano da mente e suas origens poéticas*, (pp. 293-304). Trad. de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Blucher, 2019.
- Meltzer, D., Albergamo, M., Cohen, E., Greco, A., Harris, M., Maiello, S., Milana, G., Petrelli, D., Rodhe, M., Scolmati, A.S. & Scotti, F. (1986). *Metapsicología ampliada: Aplicaciones clínicas de las ideas de Bion*. Trad. de M.C. Sardoy. Buenos Aires: Spatia, 1990.
- Ogdem, T.H. (2019). Psicanálise ontológica ou “o que você quer ser quando crescer?”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 23-45.
- Pessoa, F. (2016). Poemas inconjuntos. In *Obra Poética de Fernando Pessoa*, (Vol. 2, pp. 75-76). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1917)
- Rilke, R.M. (2010). *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*. Trad. de Renato Zwick. Porto Alegre: L & PM. (Original publicado em 1910)
- Sandler, P.C. (2005). *The language of Bion. A dictionary of concepts*. London, New York: Karnac.
- Schüler, D. (s.d.). Comunicação pessoal.
- Sosa, M. (1971). Gracias a la Vida. In *Mercedes Sosa 30 años*. Universal Music Argentina S.A, 1993.

Recebido em 01/11/2021

Aceito em 03/12/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaler**

Raul Hartke

Rua Anita Garibaldi, 1143/801

90450-001 – Porto Alegre, RS – Brasil

raul.hartke1@gmail.com